DF. Brasília

Bens históricos de Brasília pedem socorro

Má conservação e abandono ameaçam a beleza e o valor de construções que fazem parte da memória da cidade

GIZELLA RODRIGUES

Eles foram erguidos durante a epopéia da construção da nova capital e deixaram seu registro na história do Distrito Federal. São tão importantes para a memória da cidade que foram tombados como patrimônio histórico e arquitetônico pelo governo. A medida visava preservar as construções, mas muitos dos bens tombados clamam por socorro.

No Paranoá, o abandono chegou a tal ponto que um forte vendaval ocorrido na passagem de ano derrubou a Igreja São Geraldo, construída em 1962. Apesar de ser o maior exemplo de péssima conservação, a igreja não é o único bem que precisa de uma reforma ou recuperação.

Ao todo, são 19 bens tombados no DF (*veja quadro*). Na lista, constam cartões-postais de Brasília como a Catedral, a Ermida Dom Bosco e a Igrejinha, e construções históricas da cidade, muitas vezes desconhecidas, como o Centro de Ensino Metropolitana, no Núcleo Bandeirante, a Igreja São José Operário, em Candangolândia, e o Museu Histórico e Artístico/Pedra Fundamental de Planaltina.

O **Jornal de Brasília** visitou 12 deles e constatou que a deterioração pelo tempo e a falta de manutenção ameaçam a beleza e o valor de muitos desses locais. Na visita, a reportagem encontrou apenas cinco bens impecavelmente conservados: a Ermida Dom Bosco, o Museu Vivo da Memória Candanga, que foi restaurado em 2003, a Igreja São Sebastião, o Museu da Cidade e o Museu do Catetinho. Todos os demais estão com algum problema de conservação, como mato e lixo acumulado ou pichações e pinturas deterioradas pelo tempo. Alguns foram desativados no passado e, hoje, estão completamente abandonados.

DIFICULDADES – Zelar por esse patrimônio é tarefa da Secretaria de Cultura, por meio do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico (Depha). O que, para o diretor do Depha, Jarbas Marques, é uma tarefa difícil por dois fatores. Primeiro pela falta de verba do departamento, que não tem autonomia financeira e depende de dinheiro do GDF para fazer obras de reforma e restauração. "Não há uma cultura política e administrativa do Poder Legislativo para incluir emendas ao orçamento para garantir recursos financeiros para a preservação dessas obras", explica Jarbas.

O outro desafio do Depha é lidar com a conscientização da população. Apesar de não estarem autorizadas a fazer obras de recuperação ou manutenção sem autorização do departamento – por se tratarem de bens tombados – cabe às administrações regionais onde está cada construção vigiar sua conservação.

Segundo Jarbas, as pessoas desconhecem a história e, por isso, não respeitam os bens. "A geração de hoje é descompromissada com a história. Querem deixar tudo acabar para fazer uma nova construção de concreto. Como no caso da igreja da Vila Planalto que foi vítima de dois incêndios criminosos. Só ficaram satisfeitos quando destruíram tudo", critica o diretor de Patrimônio Histórico do DF.

MARCOS DA HISTÓRIA

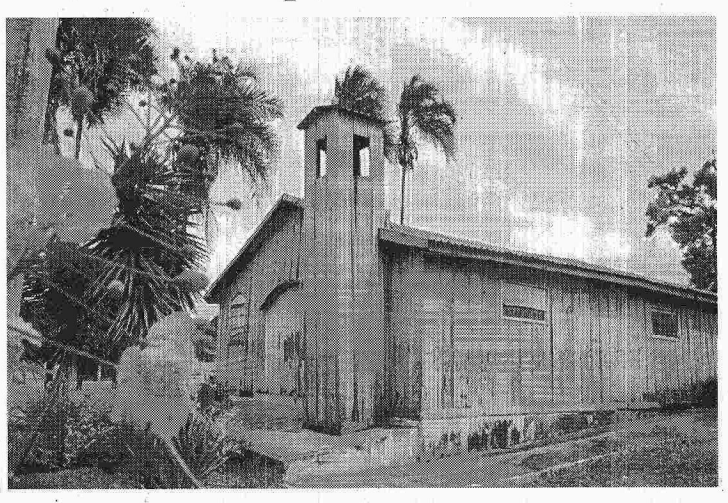
Catedral

FOTOS: MINERVINO JÚNIOR

A falta da manutenção vem tirando o brilho de um dos principais cartões-postais de Brasília. Os mesmos vitrais que causam admiração para quem está do lado de fora da Catedral decepcionam os que os vêem dentro. Instalados em 1989, levam a assinatura da artista plástica Marianne Peretti. São belos, mas não resistiram ao tempo: a exposição permanente ao calor fez com que os vitrais dilatassem e se quebrassem. Um levantamento feito em 2004 mostra que seriam necessários R$ 3 milhões para recuperá-los. O alto custo fez com que eles ficassem fora da reforma geral feita no templo em 1999. Durante o trabalho, os vidros externos foram trocados, a parte hidráulica reparada, o mármore foi limpo e foram feitas mudanças na parte elétrica do monumento, inclusive com um novo projeto de iluminação.

Mas os vitrais quebrados acabam frustando os turistas. Os goianos Raimundo Cordeiro de Aguiar, 59 anos, e Mércia Aguiar, 66, vieram para fazer turismo na capital e se dizem decepcionados. "A gente estava comentando como Brasília está abandonada. As construções pichadas, os prédios públicos sujos, as placas de endereço apagadas. É uma pena. Não poderia ficar desse jeito", diz Mércia. O marido reforça. "Conheço catedrais em outros países e nenhuma é mais bonita que essa. Parece que não estamos preparados para ter uma obra de arte desse tamanho", lamenta.

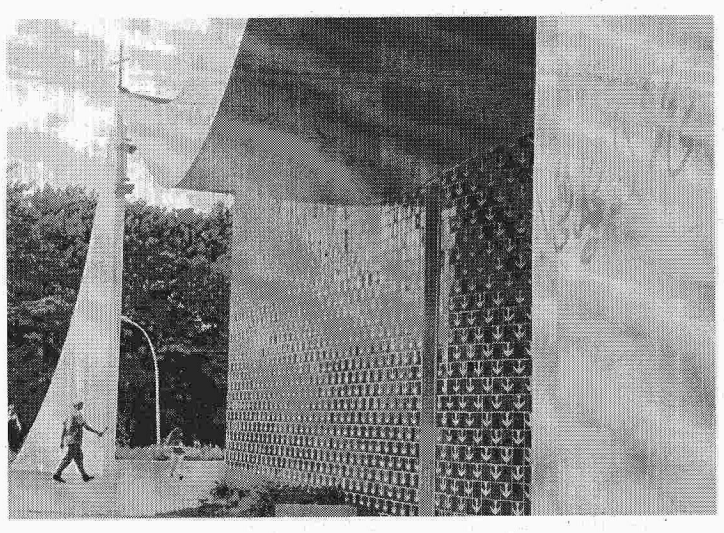
Centro de Ensino Metropolitana



O Centro de Ensino Metropolitana, uma das primeiras escolas construídas pela Novacap em Brasília, foi inaugurado em 1958. Foi erguido em caráter transitório para os filhos dos operários que viviam no Acampamento da Metropolitana, na Cidade Livre. Hoje, 47 anos depois, o colégio ainda está em funcionamento, mas os dois barracões de madeira revelam a necessidade de reformas. O local é, atualmente, chamado de Centro de Ensino de 1° Grau Metropolitana. No final de 2005, 1.500 alunos de pré-escola a 8ª série, além dos alunos de supletivo no período noturno, estavam matriculados na escola. Os barracões são de cor amarela, mas a pintura está descascada e suja em vários pontos.

Mais grave que a conservação da escola, porém, é o estado da Igreja Nossa Senhora Aparecida (foto), que fica na mesma praça. A igreja está incluída no tombamento, mas está desativada. As portas da igrejinha estão trancadas a cadeado e a madeira está comprometida, já que foi atacada por cupins. As telhas estão quebradas e a pintura parece velha e pichada. De acordo com o diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico (Depha), Jarbas Marques, há um projeto pronto para a recuperação da igreja – que se tornaria mais resistente, pois só a fachada seria de madeira, com as características originais –, mas ele esbarra na falta de verba.

Igreja Nossa Senhora de Fátima



A pichação chegou até mesmo aos azulejos pintados pelo artista plástico Athos Bulcão que ornamentam a parede externa da Igreja Nossa Senhora de Fátima, a Igrejinha. E a tentativa de limpar as escritas trouxe um outro problema: a cor dos azulejos começou a desbotar. De acordo com o frei Venildo Trevizan, responsável pela igreja, a pichação foi feita há cinco anos e até hoje não foi encontrada uma maneira de apagá-la sem prejudicar a obra do artista. Mais recentemente, uma das pilastras da igreja também foi pichada. Vandalismo mais fácil de ser solucionado. Bastaria pintar a pilastra novamente. Mas o frei diz que o Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico (Depha) já foi avisado dos dizeres rabiscados na pilastra e, agora, cabe a ele fazer a pintura. "Por um tempo, fazíamos algumas pequenas obras aqui. Mas fomos barrados e criticados. Agora, preferimos deixar assim. Limpamos a igreja, fazemos as celebrações e só", diz Venildo. O impasse faz com que outros problemas não sejam solucionados imediatamente. Como as manchas pretas deixadas por velas acesas na parte de trás da capela, onde os fiéis costumam fazer orações. "Com um jato d'água sai. A Igrejinha está mesmo precisando de uma limpeza geral", reconhece frei Venildo. O diretor do Depha, Jarbas Marques, argumenta que qualquer obra feita na Igrejinha deve ser autorizada por Bulcão.

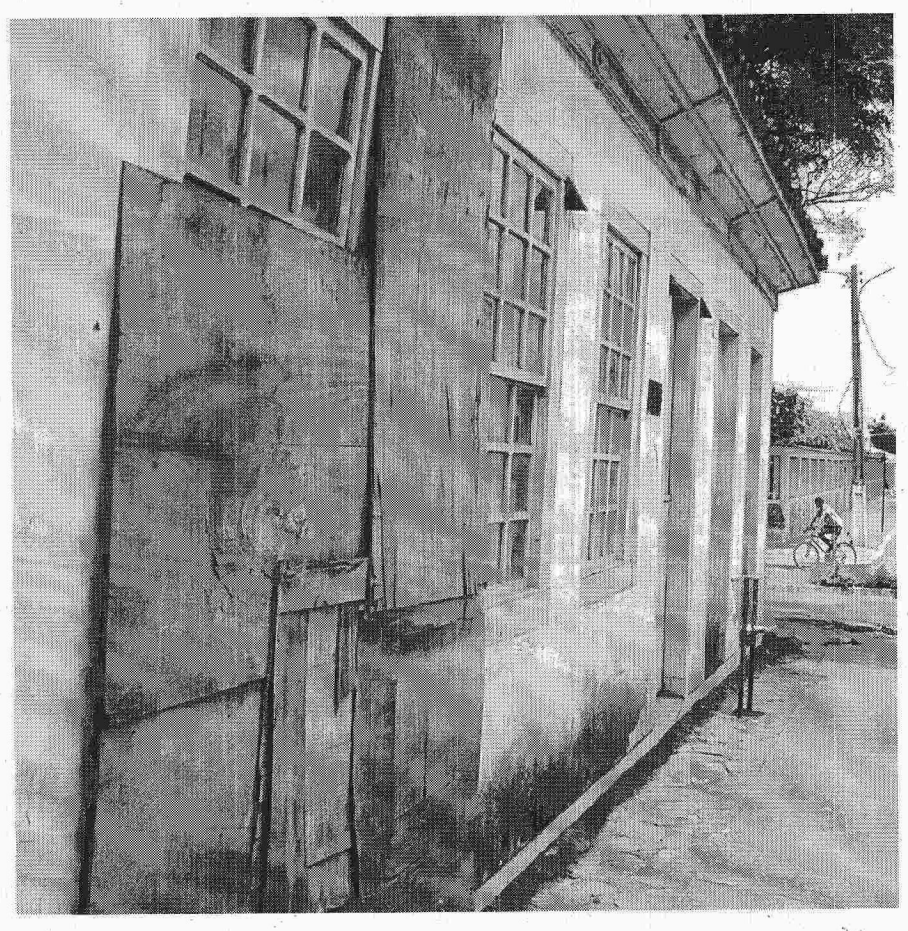
Igreja São José Operário

Sobrou pouco da pequena igreja construída pelos candangos no acampamento da Novacap, atual Candangolândia. A Igreja São José Operário foi erguida em 30 dias pela própria população, mas, desativada desde 1996, é outra importante parte da memória de Brasília que não resistiu aos efeitos do tempo.

A estrutura de madeira se tornou alvo de cupins, a torre que guardava os sinos foi totalmente destruída e o chão do abandonado templo está tomado por escritas de giz, resultado de brincadeiras das crianças. O padre Avelarque Góis, pároco da igreja, até cercou o terreno para evitar que o local se tornasse abrigo de mendigos, mas nem isso evitou sua deterioração.

O pior é que não há muita esperança para a restauração da igreja. A comunidade parece já ter se conformado. Próximo ao local da construção, está sendo construída uma nova paróquia, onde as missas serão celebradas em breve. "Com essa igreja, a comunidade não pode fazer mais nada. Por isso buscamos o novo espaço para fazer a nossa paróquia", justifica o padre.

Museu Histórico e Artístico de Planaltina



O Centro Histórico de Planaltina ainda preserva muitas construções do início do século 20. Uma delas é a que hospedou diversas comissões e caravanas que se dirigiam ao Planalto Central para realizar estudos para a implantaçãc da nova capital. A casa foi adquira pelo GDF em 1973 para que as tradições e características culturais de Planaltina fossem preservadas. Um museu começou a funcionar no local em 1974, mas, hoje, ele está fechado para visitação pública.

O prédio já foi restaurado uma vez, em 1986. Mas desde então, a falta de manutenção culminou em sua interdição em 2003. Com as portas e janelas trancadas, a parte externa do museu revela pinturas descascadas, paredes rachadas e até mesmo um buraco, escondido por um pedaço de madeira. O diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico (Depha), Jarbas Marques, conta que o buraco foi deixado por um motorista que, puxando cavalo-de-pau na rua, bateu na casa e quase a derrubou. "Aguardamos liberação de verba para arrumar o museu", diz Jarbas.

Também em Planaltina, está a Pedra Fundamental de Brasília, um marco da escolha do Planalto Central para a sede da futura capital erguido em 1922. A exemplo dos demais bens tombados do DF, o local está abandonado. É de difícil acesso – é preciso tomar uma estrada de chão para chegar ao local – e não há nenhum atrativo turístico ou estrutura para visitantes. Os bancos de concreto colocados perto da pedra foram tomados pelo mato.

TOMBAMENTO

- Árvore do Buriti - tombada em 1985
- Catedral Metropolitana de Brasília - tombada em 1967 (governo federal) e 1991 (GDF)*
- Centro de Ensino Metropolitana - tombado em 1995*
- Conjunto Urbanístico de Brasília - tombado em 1987
- Ermida Dom Bosco - tombada em 1988 *
- Escola Classe 308 Sul - tombada em 1988
- Escola Parque 308 Sul - tombada em 2004
- Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (Museu Vivo da Memória Candanga) - tombado em 1985*
- Igreja Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha) - tombada em 1982*
- Igreja São Geraldo - tombada em 1993
- Igreja São José Operário - tombada em 1998*
- Igreja São Sebastião - tombada em 1982*
- Memorial JK - tombado em 1986
- Museu da Cidade - tombado em 1982*
- Museu do Catetinho - tombado em 1959 (governo federal) e 1991 (GDF)*
- Museu Histórico e Artístico de Planaltina - tombado em 1982*
- Pedra Fundamental - tombada em 1982*
- Relógio de Taguatinga - tombado em 1989*
- Vila Planalto - tombada em 1988

***Visitados pelo Jornal de Brasília**